



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional  
FIDENE-UNIJUI

# Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 16/06/2023 a 22/06/2023

**Prof. Dr. Argemiro Luís Brum<sup>1</sup>**

---

<sup>1</sup> Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

## Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
<b>16/06/2023</b>	14,66	416,40	59,69	6,88	6,40
<b>19/06/2023</b>	FERIADO	FERIADO	FERIADO	FERIADO	FERIADO
<b>20/06/2023</b>	14,77	412,80	59,63	6,95	6,43
<b>21/06/2023</b>	15,14	439,20	55,63	7,34	6,71
<b>22/06/2023</b>	15,00	424,70	55,77	7,39	6,60
<b>Média</b>	<b>14,89</b>	<b>423,28</b>	<b>57,68</b>	<b>7,14</b>	<b>6,54</b>

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)  
no mercado físico brasileiro - em  
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

<b>SOJA</b>		
RS – Panambi	<b>S/C</b>	
RS – Não Me Toque	<b>126,00</b>	
RS – Londrina	<b>121,00</b>	
PR – M.C.Rondon	<b>121,00</b>	
MT – C.N.Parecis	<b>108,00</b>	
MS – Maracaju	<b>119,00</b>	
GO - Rio Verde	<b>114,00</b>	
BA – L.E.Magalhães	<b>118,00</b>	
<b>MILHO(**)</b>		
Porto de Santos	<b>64,00</b>	CIF
Porto de Paranaguá	<b>60,00</b>	CIF
Porto de Rio Grande	<b>S/C</b>	
RS – Não-Me-Toque	<b>51,00</b>	
SC – Rio do Sul	<b>47,00</b>	
PR – M.C.Rondon	<b>50,00</b>	
PR – Londrina	<b>50,00</b>	
MT – C.N.Parecis	<b>37,00</b>	
MS – Maracaju	<b>43,00</b>	
SP – Itapetininga	<b>54,00</b>	
SP – Campinas	<b>56,50</b>	CIF
GO – Rio Verde	<b>43,00</b>	
GO – Jataí	<b>43,00</b>	
<b>TRIGO (**)</b>		
RS – Panambi	<b>S/C</b>	
RS – Não Me Toque	<b>64,00</b>	
PR – Londrina	<b>66,00</b>	
PR – M.C.Rondon	<b>66,00</b>	

Período: 21/06/2023

S/C=Sem Cotação.

(\*) Valor de compra.

(\*\*)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do  
Sul – 22/06/2023**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	<b>53,68</b>	<b>127,00</b>	<b>64,65</b>

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

### Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do Sul –  
22/06/2023**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	<b>81,93</b>
Feijão (saco 60 Kg)	<b>242,00</b>
Sorgo (saco 60 Kg)	<b>41,00</b>
Suíno tipo carne (Kg vivo)	<b>5,23</b>
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	<b>2,82**</b>
Boi gordo (Kg vivo)*	<b>8,99</b>

(\*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(\*\*) Referência Abril/23, cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

## MERCADO DA SOJA

A soja subiu fortemente em Chicago, nesta semana, puxada pelo clima ruim junto às lavouras estadunidenses. Com isso, o primeiro mês cotado fechou a quinta-feira (22) em US\$ 15,00/bushel, contra US\$ 15,14 na véspera (valor que não era visto desde o dia 18 de abril passado) e contra US\$ 14,28 uma semana antes, ganhando quase um dólar na semana. Destaque para o farelo, que subiu 12,7% entre os dias 14 e 21 de junho, enquanto o óleo, depois de altas seguidas, recuou fortemente, perdendo 6,6% entre os dias 16 e 22 de junho.

Como já sabido, estamos em pleno mercado do clima nos EUA, e as especulações em torno do mesmo ganham força. Neste contexto, a situação altista, mesmo havendo chuvas nas regiões produtoras daquele país, no final da semana anterior, foi alimentada pelo relatório das condições das lavouras.

Este relatório, na soja, indicou que as lavouras entre boas a excelentes condições recuaram de 59% para 54% na semana encerrada no dia 18/06, ficando abaixo do registrado no mesmo período do ano passado, que foi de 58%. Outros 34% estavam regulares e 11% entre ruins a muito ruins. O índice de boas a excelentes caiu mais do que a média esperada pelo mercado, que era de 57%. Em Illinois, maior Estado produtor da oleaginosa, apenas 33% das lavouras estavam entre boas a excelentes condições, e em Iowa, 56%.

Ainda sobre a oleaginosa, o USDA informou também que, até o dia 18/06, 92% das lavouras já haviam germinado, contra 86% da semana anterior e 81% na média histórica e no mesmo período do ano passado.

Dito isso, vale destacar também que os meses futuros, em Chicago, têm subido menos, enquanto a projeção para a produção mundial, mesmo com a preocupação climática nos EUA, é de crescimento, salvo uma concretização de quebra importante na safra estadunidense, o que é muito cedo para se definir.

Enfim, mais dois elementos centrais no cenário internacional da oleaginosa nesta semana:

1) houve mudanças na política de biocombustíveis dos EUA, fato que derrubou as cotações do óleo de soja, em Chicago, como vimos. As mudanças vão na direção de uma redução no uso de biodiesel e etanol de milho naquele país. No caso do biodiesel, até houve um aumento, porém, muito abaixo do esperado pelo mercado local, frustrando as expectativas;

2) As cargas atrasadas de soja, compradas no Brasil, chegaram à China, aumentando consideravelmente a oferta local da oleaginosa. Isso freia as futuras compras de farelo de soja e pode diminuir as compras do grão até o final do ano. Lembrando que entre janeiro e maio as compras chinesas de soja aumentaram em 11% sobre o mesmo período do ano passado, havendo tendência de novo aumento em junho. Na prática, os chineses aproveitaram os baixos preços em Chicago para fazer estoques. Agora, diante de uma demanda interna que não aumenta, o escoamento de farelo de soja fica difícil, já que os suinocultores chineses continuam com problemas. Com isso, os

fabricantes de ração animal estão mantendo os estoques de farelo de soja no mínimo, à medida que as baixas margens dos suínos se arrastam, reduzindo as vendas futuras dos esmagadores e impactando suas compras de soja. E se a demanda continuar muito fraca, os produtores de rações podem cancelar os contratos de farelo de soja. Ao mesmo tempo, as margens dos esmagadores de soja, na China, continuam muito apertadas, especialmente agora que as cotações em Chicago voltaram a subir. “Os esmagadores obtiveram lucros por um curto período, entre meados de abril e o final de maio, e estão novamente perdendo dinheiro.” Este conjunto de fatos pode levar as importações chinesas de soja a recuarem no segundo semestre do corrente ano. (cf. Shanghai JC Intelligence Co Ltd - JCI)

E no Brasil, por enquanto, mesmo com o câmbio batendo em R\$ 4,76 por dólar, em alguns momentos da semana, e prêmios ainda negativos, os preços da soja no Brasil melhoraram um pouco. A média gaúcha subiu para R\$ 127,00/saco, enquanto as principais praças locais negociaram a soja a R\$ 126,00. Já nas demais regiões brasileiras, os preços da soja oscilaram entre R\$ 108,00 e R\$ 121,00/saco. Assim, vai se confirmando, pelo menos neste curto prazo, que os baixos valores de poucas semanas atrás seriam o limite de recuo da soja, e que no segundo semestre haveria a possibilidade de uma melhoria de preços, mesmo que pequena. Neste último caso, não só a melhoria dos prêmios vai se consolidando, mesmo que ainda longe do esperado, mas também os problemas climáticos, que surgiram nos EUA, começam a ajudar os produtores brasileiros. Porém, a safra estadunidense apenas está começando e, até o final de setembro, quando se inicia a colheita, muita coisa ainda pode ocorrer nesta área climática.

Dito isso, as exportações de soja brasileira, nas três primeiras semanas de junho registram uma média diária de 795.300 toneladas, o que significa um aumento de 67,2% sobre a média do mesmo mês do ano passado. Considerando os 11 primeiros dias úteis de junho, o volume embarcado de soja somou 8,75 milhões de toneladas, contra 9,99 milhões de toneladas em todo o mês de junho do ano passado. (cf. Secex) Por sua vez, a iniciativa privada estima que o Brasil exportará 14,3 milhões de toneladas em junho. Com isso, teríamos o quarto mês seguido de exportações acima de 14 milhões de toneladas mensais. (cf. Cargonave)

E neste contexto exportador, a Argentina, diante de sua enorme quebra na safra passada, se tornou o segundo principal destino da soja brasileira, considerando o período de janeiro a maio. A indústria argentina busca importar soja para manter as atividades diante de uma seca histórica que reduziu a safra do país em mais da metade do esperado (20,5 milhões de toneladas segundo os argentinos). A exportação de soja, do Brasil para a Argentina, somou 978.500 toneladas somente em maio, aumentando o volume exportado no acumulado do ano, para o país vizinho, a 1,92 milhão de toneladas, enquanto analistas ainda veem potencial para a Argentina comprar mais 2 a 3 milhões de toneladas de soja brasileira no corrente ano. Assim, país vizinho deverá importar, no total, cerca de 9 milhões de toneladas de soja neste ano, em função de possuir uma grande indústria exportadora de óleo e farelo da oleaginosa. Por outro lado, com as margens de esmagamento, através da soja importada do Brasil, agora deixando de ficar acima da soja comprada internamente, a tendência é de diminuir as importações originadas do Brasil nos próximos meses. Afinal, o volume já importado e o programa do governo, chamado "dólar soja", incentivando vendas de produtores

argentinos, houve maior disponibilidade para a indústria local. (cf. S&P Global Commodity Insights)

Enfim, ainda em termos de exportação, nos primeiros cinco meses do ano o Brasil exportou, para a China, 34,4 milhões de toneladas de soja, contra 28,7 milhões de toneladas no mesmo período do ano passado. O volume agora exportado corresponde a 70,2% do total vendido ao exterior, pelo Brasil, em soja, no período (49 milhões de toneladas). (cf. Secex e AgRural)

## MERCADO DO MILHO

As cotações do milho, em Chicago, acompanharam as altas da soja, pois o clima mais seco igualmente vem atingindo as lavouras do cereal nos EUA. Assim, o bushel de milho fechou a quinta-feira (22) em US\$ 6,60, após ter alcançado US\$ 6,71 na véspera (valor que não era visto desde o dia 19 de abril passado), e contra US\$ 6,23 uma semana antes.

As condições das lavouras de milho, nos EUA, no dia 18/06, apresentavam 55% entre boas a excelentes, contra 70% em igual momento do ano passado. Outros 33% estavam regulares e 12% entre ruins a muito ruins. O Estado de Iowa tinha 59% de lavouras em boas ou excelentes condições, enquanto Illinois registrava apenas 38%. Em torno de 96% das lavouras do cereal já haviam germinado, contra 94% na média histórica.

Já no Brasil os preços continuam com viés de baixa. A média gaúcha fechou a semana em R\$ 53,68/saco, enquanto as principais praças locais negociavam a R\$ 51,00 o produto. Nas demais regiões do país os preços do cereal oscilaram entre R\$ 37,00 e R\$ 54,00/saco.

Na B3, como referência, os negócios abriram a sessão de quinta-feira (22) com o contrato julho valendo R\$ 58,13/saco, setembro R\$ 63,30, novembro R\$ 66,43 e janeiro/24 em R\$ 68,90/saco.

Dito isso, a colheita da safrinha de milho, no Brasil, chegava a 4,3% até o início da presente semana, contra a média histórica de 9,8% nesta época. As recentes chuvas atrasaram o processo de colheita no Centro-Sul brasileiro. Na mesma época do ano passado a colheita atingia a 14,7% da área. (cf. Pátria Agronegócios) Já a Conab informa que a safra de verão estava colhida em 87,2% até o início desta semana, enquanto a colheita da safrinha estaria em 5,3% da área.

Em paralelo, o Imea (Instituto Mato-Grossense de Economia Agropecuária) apontou, na semana, que, mesmo com o recuo no custo operacional efetivo de 0,72% neste mês, para a produção de milho safrinha, os preços do cereal não estão compensando. De fato, o preço do milho, comercializado naquele Estado, para a safra 2023/24, apresentou desvalorização significativa no último mês, ficando em R\$ 32,78/saco. Assim, o Ponto de Equilíbrio para cobrir os custos operacionais ficou em R\$ 42,52/saco, ou seja, com uma diferença negativa de significativos 22,9%. Assim, o preço do milho já não cobre as despesas operacionais efetivas. Considerando esse cenário de preços abaixo do ponto de equilíbrio, seria necessário que o rendimento,

para a próxima safra, atingisse pelo menos 142,8 sacos/hectare para que um produtor modal consiga fechar os seus custos apenas operacionais.

Por sua vez, a colheita da atual safrinha mato-grossense atingia a 8,4% da área no início da presente semana. No mesmo período da safra passada, este índice era de 16,6%, e na média dos últimos cinco anos era de 25,6%. (cf. Imea)

Enfim, quanto às exportações de milho, nos 11 primeiros dias úteis de junho o Brasil embarcou 458.819 toneladas do cereal. Isso representa 46,4% do total exportado em todo o mês de junho de 2022. Por enquanto, a média diária deste mês de junho é 11,5% menor do que a de junho do ano passado. O Brasil continua precisando exportar, em todo este ano, um total ao redor de 50 milhões de toneladas para estancar a baixa de preços que está ocorrendo diante da safrinha recorde que chega. Nos primeiros seis meses do corrente ano o Brasil deverá fechar em torno de 11 milhões de toneladas de milho exportadas (cf. Canal Pecuarista, com Canal Rural), lembrando que o forte das vendas externas se dá no segundo semestre.

## MERCADO DO TRIGO

A cotação do trigo, em Chicago, considerando o primeiro mês cotado, subiu fortemente nesta semana e atingiu a US\$ 7,39/bushel no dia 22/06, o mais alto valor nos últimos quatro meses, contra US\$ 6,61 uma semana antes.

O clima ruim, que provoca perdas importantes nas lavouras tritícolas dos EUA, está na origem destas altas. Até o dia 18/06, por exemplo, o trigo de inverno, naquele país, apresentava 15% da área já colhida, contra 20% na média histórica para a data. Por sua vez, das lavouras a serem colhidas, 38% apenas se apresentavam com boas a excelentes condições, 33% estavam regulares e 29% entre ruins a muito ruins. Já o trigo de primavera apresentava 98% de sua área com germinação, enquanto as condições das lavouras estavam com 51% entre boas a excelentes, 37% regulares e 12% ruins a muito ruins.

Na prática, uma severa seca poderá provocar a pior safra de trigo nos EUA, dos últimos 60 anos. Os mais pessimistas apontam que cerca de um terço do trigo de inverno, cultivado em todo o país, pode ser abandonado porque não é economicamente viável colhê-lo neste ano. É a maior taxa de abandono desde 1917, superando a taxa de trigo abandonada durante os anos 1930, quando ocorreu uma tempestade de areia que atingiu os EUA. Lembrando que o país está entre os cinco maiores exportadores globais do cereal. Por outro lado, mais da metade do trigo duro vermelho de inverno no Kansas, maior produtor de trigo de inverno dos EUA, está em condições ruins ou muito ruins (cf. USDA). Há trigo de inverno suficiente para o consumo interno, mas as condições voláteis do mercado mundial motivaram moinhos dos EUA a iniciar a importação de trigo para farinha, de forma que o impacto para os agricultores do país é grande. Estados como Oklahoma e Texas, ainda devem abandonar maiores áreas do que o Kansas. O baixo rendimento norte-americano é somado a um contexto global que inclui a continuidade da guerra entre Rússia e Ucrânia; um volume excedente de trigo russo e do Leste Europeu; altas tarifas ferroviárias para a chegada aos portos; e o dólar fortalecido, que torna as commodities cotadas na moeda dos EUA menos competitivas. Diante desse cenário, crescem os

temores de que os moinhos tomem a medida incomum de importar trigo europeu para farinha, como já tem sido feito. Chuvas recentes ajudaram a reviver alguns campos de trigo murchos, especialmente na parte noroeste do Kansas, e deram esperança de que o milho e soja, recentemente plantados, venham a florescer. Mas para muitos lugares, as chuvas de maio e junho ainda não foram suficientes. (cf. Broadcast)

Pelo lado da Rússia, as previsões para a nova safra de trigo 2023/24 foram revistas para baixo, ficando agora em 86,8 milhões de toneladas, contra 88 milhões anteriormente, e contra 92 milhões no ano anterior. (cf. Sovecon e USDA)

Já a colheita de trigo na Índia, em 2023, deverá ser, pelo menos, 10% menor do que a estimativa do governo local. Isso ocorre pelo segundo ano consecutivo, elevando os preços locais do cereal. A disponibilidade de trigo é muito baixa no mercado indiano, indicando que a produção foi de cerca de 101 a 103 milhões de toneladas, enquanto o governo calculava um volume de 112,7 milhões de toneladas, após 107,7 milhões no ano anterior. A Índia consome, anualmente, cerca de 108 milhões de toneladas de trigo. Os agricultores indianos começam a colher o trigo a partir de março, vendendo a maior parte de sua safra para agências estatais e comerciantes privados em junho. Com isso, os preços do trigo em Nova Délhi saltaram 10% nos últimos dois meses, para US\$ 303,00/tonelada, levando o governo a impor um limite, pela primeira vez em 15 anos, na quantidade de estoques de trigo que os comerciantes podem manter. A Índia é o segundo maior consumidor de trigo do mundo, e já havia proibido as exportações do cereal em maio de 2022, depois que um aumento repentino na temperatura local reduziu a produção, em um momento em que os embarques estavam aumentando para atender ao déficit global desencadeado pela invasão russa à Ucrânia. (cf. Reuters)

E aqui no Brasil, a futura produção de trigo deverá ser menor, mesmo que a área nacional venha a aumentar um pouco. Isso se deve ao recuo na produtividade média, devido ao clima que teremos. Já a Argentina deverá recuperar sua produção, depois do desastre do último ano, devendo colher entre 16 e 17 milhões de toneladas, havendo institutos privados esperando até 19 milhões de toneladas.

Mesmo assim, os preços nacionais continuam estáveis, com a média gaúcha fechando a semana em R\$ 64,65/saco, enquanto no Paraná os preços se mantiveram em R\$ 66,00.

Segundo a Conab, mesmo com uma área menor no Rio Grande do Sul, o conjunto do Brasil poderá aumentar a área semeada com trigo em 9,7% nesta nova safra, atingindo a 3,38 milhões de hectares. No entanto, a produtividade média deverá recuar 15,6%, ficando em 2.880 quilos/hectare (48 sacos/hectare). Com isso, a produção nacional de trigo, na safra 2023, ficaria em 9,7 milhões de toneladas, ou seja, 7,4% menor do que a registrada no recorde de 2022. Já certas consultorias privadas avançam uma produção final de 11,3 milhões de toneladas no país, com aumento de 3% sobre o volume colhido no ano passado. (cf. StoneX)

Dito isso, o plantio da nova safra atingiu a 60% da área esperada no país, contra 55,4% no ano passado, nesta época. O Paraná alcançou, no final da semana anterior, a 83% da área esperada, com 94% das lavouras em bom estado, enquanto 6% estavam em condições medianas. Já no Rio Grande do Sul, o plantio continuava lento, devido às

chuvas, sendo que o Estado deverá reduzir a área em 1,52% sobre o ano anterior, gerando uma produção de 4,55 milhões de toneladas, ou seja, 14,2% menor do que as 5,3 milhões colhidas em 2022. (Conab, Deral, Emater e IBGE)

Enfim, o preço médio do frete da tonelada de trigo, no Rio Grande do Sul, aumentou 25% em relação ao ano passado. Isso se deveu, dentre outros fatores, ao forte aumento na produção do cereal, no ano passado, o que fez aumentar a demanda por frete. (cf. Fretebras)